

Historietas, estorielas e causos da Academia

Estas são histórias, estórias e causos que permearam por nossa vida de estudante e a de geólogo profissional, mas cuidado! Quem conta um conto um ponto aumenta...

Alguns professores adoram tirar um *sarro* com a cara dos alunos. Vejamos algumas das que eles aprontaram.

➤ Já no vestibular o professor Karl Beurlen (Velho Beulen), um alemão egresso do pós-guerra que, graça a Deus emigrou para nós, pois era um excelente geólogo e grande professor de estratigrafia. Ele perguntou ao vestibulando Marcelo Maranhão, que se tornaria para sempre Marcelo Doidiça, o seguinte: “se um rato olhasse para o céu e visse um morcego passar voando que ele pensaria”? É claro que Doidiça não respondeu, então com a maior cara de pau falou: “lá vai o meu primo” e deu aquela sua rizada tão característica hô-hô-hô-hô pode?

➤ O professor apelidado pela nossa turma de Piruada, cujo nome eu esqueço, ensinava botânica, no vestibular gostava de perguntar o que era xiloteca. A grande maioria dos alunos pensava ser alguma parte lenhosa da planta e ele sorrindo os ouvia tentar acertar a questão e depois gozava a cara do vestibulando com a resposta: “xiloteca, meu filho é uma coleção de madeiras”.

➤ O professor Seixas era excelente professor de topografia, mas um chato de galocha preta, também no vestibular, colocou para o aluno Geraldo Ferreira, o Pai Vêi, a dedução de uma fórmula, aí em determinado ponto Geraldo parou e, a certa altura, o professor indaga: “cadê, terminou”. O Geraldo, então, diz que está meio perdido, aí ele pega uma bússola, a entrega e diz: “se ache, meu filho”.

➤ O professor Beurlen, nas excursões gostava muito de fazer pegadinhas com os alunos. Uma vez na nossa excursão, lá pras bandas do Piauí ele parou o ônibus próximo a um monte cascalho. Aí ele disse: “quero que me digam qual o meio de transporte deste sedimento”. Os alunos, cada um querendo mostrar mais conhecimento que o outros, foram logo dizendo... transporte fluvial e outro replica, não os seixos são muito grandes foi corrente de lama... e outro, foi gravitacional, é um colúvio... e assim por diante. O Velho Professor só olhava e se divertia. Cansado de ouvir bobagens ele disse: “non tudo errado, foi o caminhon (caminhão), non? E deu aquela rizada hô-hô-hô-hô.

➤ Outra excelente do Professor Beurlen foi no Pico do Cabugi, o vulcão de idade terciária da Cidade de Lages, no Rio Grande do Norte. Ele parou o ônibus no sopé daquele alto morro que se destaca na paisagem agreste da região e, sem dizer uma palavra sequer, começou a subir. Aquele senhor de 70 anos lépido e fagueiro escalava a íngreme encosta com a segurança e agilidade de um tejo. Nós os mocinhos de 20 anos com dificuldades, escorregando nos fragmentos de basalto, uma vergonha. Até mesmo Fernando Viana escorregou, caiu e só não rebolou ladeira abaixo porque alguém o segurou. Ao chegar no topo do morro o querido professor parou e, mais que imediatamente os alunos o arroteou, com caneta e caderneta de campo na mão, ávidos pela explicação. Aí, sem mais nem menos, contemplou alguns segundos a paisagem a perder de vista e se saiu com esta: “linda paisagem, non?” e imediatamente, sem dizer

mais nada, fez meia volta e desceu o morro com a mesma desenvoltura com que subiu. Pode esta?

É... eles nos gozaram um bocado, mas se esqueceram de que aluno não presta, não pode sequer desconfiar de uma fraqueza deles porque montam e rodam, assim o troco veio em cima daqueles mais vulneráveis.

➤ O professor Karl Beurlen era professor fantástico, admirado pelos alunos, mas muito curioso... Um dia no pátio da Escola alguém colocou uma caixa de fósforos no chão e, quando o Velho Beurlen apontou na porta, cerca de 15 alunos fizeram uma roda em torno da caixa e ficaram observando-a. O professor notando o ajuntamento, não aguentou, começou a procurar uma brecha para ver o que acontecia, arroteou aquele grupo de alunos algumas vezes e nada da brecha. Ninguém deixava. Uma hora ele perdeu a paciência e forçou passagem ao ver a caixa soltou aquele tão conhecido muxoxo “uh!”. Rapidamente foi embora.

➤ Já no Primeiro ano durante o seminário do Professor Piruada, tido pela turma como péssimo professor. Marcelo Doidiça na apresentação oral de um seminário fez uma exposição sobre o clima do Nordeste e se saiu com esta criativa, imbecil e gozadora frase para fechar a apresentação: “assim vimos que o clima semiárido da nossa região não é seco porque não chove, não chove porque é seco”. Aí o professor Piruada afirma que a frase é genial e que essa questão precisa ser aprofundada com trabalhos posteriores. E agente sem poder rir...

➤ Ainda no primeiro ano o Professor Walter Duarte fazia as práticas das aulas de Geologia Geral e quando ele nos foi apresentar as rochas, nós notamos que ele, que tinha pouco tempo de formado era um pouco inseguro, aí a turma não perdoou. Pegava uma amostra partia no meio e colocava em caixas diferentes: por exemplo, a de uma ardósia e a de um xisto verde. Aí perguntava-se a ele a diferença e ele via várias. Depois de algumas vezes ele notou... foi um cagaço homérico. A turma ficou um tanto envergonhada, também pudera, foi demais.

➤ Essa do Professor Piruada, também foi boa. Ele inventou uma excursão para coleta de pólen no Morro dos Guararapes em Recife. Distribuiu umas pinças enormes e uns potinhos para serem acondicionadas as flores com pólen, para estudos posteriores. É claro que a excursão foi logo apelidada de excursão gay e muito dos alunos coletavam os espécimes com passos de balé e trejeitos efeminados. Foi uma farra total. Embora, hoje, isso fosse politicamente muito incorreto, foi muito hilário na época, mas essa não é a questão. O aluno Jairo Leite (Papinho) perdeu o seu potinho de flores e aí, só de sacanagem, nenhum dos outros alunos cedeu pólen para ele e dizíamos que ele tinha que voltar lá. Papinho, com a maior cara de pau, pegou poeira do laboratório e fez suas lâminas de pólen com ela. Copiou descrições de polens dos livros. Resultado, além de tirar 10, ainda ficou gozando com a cara de toda a turma.

➤ Tínhamos um professor de Química inorgânica chamado Paulo Duarte, excelente químico que tinha descoberto uma boa jazida de fosforita na Formação Gramame em Olinda, PE. Esta jazida propiciou, mais tarde, a criação da mineradora Fosforita Olinda S/A, importante para a cidade. Este professor era uma simpatia, todos gostavam dele, mas se encontrava muito velhinho e já não estava com a sua memória em dia. Como todo professor sabe, aluno não perdoa, é cruel mesmo. A turma logo arranhou um apelido para ele que se tornou Paulo Kotoff, o sobrenome veio de um autor de um livro de química que ele adotava. Pois bem, muitas vezes o velho professor, inocentemente, perguntava a turma onde tinha parado na aula anterior, pois não se

lembrava. Invariavelmente a turma dizia que era no assunto do começo da aula anterior. Em algumas ocasiões tivemos três, quatro vezes a mesma aula repetida. Ganhávamos, assim, menos matéria para as provas.

➤ O Professor Paulo Kotoff, coitado, sofreu uma bem pior que esta última. Os alunos mais antigos nos disseram que após cada seminário de sua disciplina, ele dava notas de acordo com o nível das palmas recebidas no final. Não deu outra, lá foram pegadinhas com o pobre professor. Foi o seguinte: Inventamos um nome bem estrangeirado, nome meio polonês, meio russo, por aí. Digamos que tenha sido Dr. Zambrinsk Karlekof, aí todos os seminaristas da disciplina tinham que citar este nome inventado, como se fora um cientista que tinha contribuído para a química inorgânica e para a apresentação do tema de seu seminário. Assim o imaginário Dr. Zambrinsk Karlekof passou a ser autor de frases, leis, hipóteses, etc. O Campeão desta pegadinha foi o aluno – **tenho quase certeza que foi ele-** José Xavier (Xaxá). Xaxá colocou no quadro negro uma fórmula complexa e inventada por ele e, durante a apresentação, falou: “segundo a fórmula de Karlekof podemos deduzir que”... É claro que, no final, as palmas valeram um sonoro 10 para ele. **Ei Xaxá vê se foi isso mesmo e completa.**

Aqui agente podia contar uns causos com os alunos em excursão e trabalhos de campo.

Por ex:

➤ O professor Baskara Rao, que o José Farias (Mister) pronunciava Báskara RRRRáo, na excursão para as jazidas do Rio Grande do Norte irritado com o atraso dos alunos na partida para o campo, pela manhã, ameaçou (acho que foi em Parelhas) deixar para trás os alunos que se atrasassem. É claro que ninguém acreditou nisso. Assim no outro dia da ameaça Doidiça, Fulano e Beltrano (me ajudem quem ficou comigo, acho que éramos três) quando desceram para o café, ninguém mais estava lá e, o que é pior, o ônibus não ia voltar, iria para próxima cidade. Corremos para pegar as nossas coisas no maior alvoroço. Ainda bem porque o barulho chamou a atenção de uma boa alma que se disponibilizou a ir atrás do ônibus que tinha saído há pouco. Felizmente encontramos a turma parada em um afloramento, que alívio.

➤ Nosso colega Pedro Demes (Pedro Voador) esquecia tudo em todo canto. Cada saída do ônibus alguém trazia algo que ele esquecia: caderneta de campo, bússola, martelo, caneta, etc. Um dia foi achada, no chão do ônibus, uma escova de dente pisada e suja de terra. Alguém gritou olha a escova de Pedro voador. Aí ele pegou aquela escova e disse: “né que é a minha mesmo” e guardou a escova imunda, pode?

Esta é para você contar, Papinho. É sobre a cobra que vocês capturaram no campo e na volta da do campo da Paraíba (Relatório de Graduação) soltaram dentro do ônibus.

Aqui agente podia contar alguma coisa de nossas vidas profissionais, saias justas que passamos, fatos curiosos, etc.

Beuf, você podia contar a história das três bateadas que os índios deixaram você fazer quando você foi a um Quarup em uma tribo desconhecida. Ali coletasse alguns diamantes, não?

Causos do Doidiça

➤ Fazendo o mapeamento do relatório de graduação em Reriutaba, no Ceará, o nosso motorista (funcionário da SERTEC) pela manhã nos deixava em um ponto no campo e nos apanhava em outro no final da tarde. Em determinado dia eu fui deixado nas cabeceiras do Riacho Juré para segui-lo até ao seu cruzamento com a estrada que liga Reriutaba a Ipu. Ao fazer uma curva deste riacho notem várias lavadeiras e vi que as senhoras mais velhas cobriam os seios com anáguas brancas, mas as moças mais novas não. Ficavam completamente nuas. Tomei um susto voltei um pouco e quebrei algumas rochas para fazer barulho. Não adiantou nada as que estavam nuas, permaneceram assim. Passei, dei bom dia e voltei por dentro do mato para fotografar para ter uma prova do fato.

➤ Durante os trabalhos de campo da minha monografia de mestrado, em 1977, estava eu mapeando o Sinclinal de Ouro Fino, no Município de Ouro Preto, MG, quando me deparei com uma cena interessante. Naquele tempo podia e eu andava no campo sempre armado com um revólver Taurus 32. Terminando de descrever um afloramento, ao levantar a vista me deparei com um imenso lobo amarelo parado de 10 a 15 metros de mim em uma posição bem mais alta que eu, em cima e um matacão. Ele me encarava firme. Pensei...e agora? Após alguma indecisão saque o Taurus caminhei para cima dele. Para meu alívio ele deu meia volta e desapareceu. Aí me tranquilizei, pois vi que ele tinha tido medo de mim e, no futuro, não ia me atacar. Ao voltar para Brasília fiquei sabendo que era um Lobo Guará e que, via de regra, era mansinho.

➤ Estava eu, lá pelos anos de 2006, dormindo um sono reparador em um hotel do Município de Santa Quitéria, CE, cidade onde fui realizar uns trabalhos de locação de poços tubulares para fins de captação de água subterrânea. De repente às seis da matina fui subitamente acordado com um forte barulho. Era alguém que esmurrava freneticamente a porta de um quarto próximo ao meu e berrava aos quatro ventos palavras ininteligíveis. Imediatamente pulei da cama, escovei os dentes, vesti a primeira roupa que vi e saí apressado do quarto e quase fui atropelado por um homem correndo pelo corredor e berrando: "Eu não acredito! Eu não acredito! Como vocês permitiram que ela saísse com meu carro!" Chegando na porta do hotel gritou de novo: "eu pago qualquer coisa para alguém me levar para Monsenhor Tabosa" – outra cidade situada a cerca de 30 Km de distância. O empregado do hotel tentava acalma-lo sem sucesso. "Calma, já chamei um taxi, ele tá chegando". Passado alguns minutos o taxi chegou e ele se foi. Fiquei curioso, querendo saber do acontecido. O empregado do hotel então elucidou a questão. O rapaz tinha vindo de Monsenhor Tabosa para passar a noite com a ex-esposa. Acontece que na madrugada, ainda ele a sono solto, ela saiu sub-repticiamente, trancou a porta do quarto por fora, levou a chave e foi embora, mas tinha deixado um bilhete que dizia: "leve sua cueca para entregar àquela rapariga (atual esposa), fiz com ela o que ela fez comigo".